

ALTERIDADE E INFÂNCIA NO CONTO “WE’RE NOT JEWS” DE HANIF KUREISHI

OTHERNESS AND CHILDHOOD IN HANIF KUREISHI’S SHORT STORY “WE’RE NOT JEWS”

Dionei Mathias¹

RESUMO: O conto “We’re not Jews”, publicado na coletânea *Love in a Blue Time* em 1997, por Hanif Kureishi, aborda a questão da alteridade a partir da perspectiva de uma criança, Azhar, filho de mãe inglesa e pai do Paquistão. Neste contexto, alteridade não é entendida como diferença que existe como tal, mas sim como prática de interação social, na qual a diferença é gerada e instrumentalizada, a fim de manter a configuração hierárquica existente. Nesse sentido, este artigo pretende analisar a forma como a criança Azhar faz suas primeiras experiências com processos de alteridade na escola e o modo como ele percebe a administração dessa diferença pelos pais, aqui especialmente a mãe. O conto mostra como alteridade se concretiza paulatinamente e encena a incompreensão do protagonista sobre o modo como as interações sociais ocorrem.

PALAVRAS-CHAVE: Hanif Kureishi; *Love in a Blue Time*; “We’re not Jews”; Alteridade.

ABSTRACT: The short story “We’re not Jews”, published in the collection *Love in a Blue Time* in 1997, by Hanif Kureishi, deals with the question of otherness from the point of view of a child, Azhar, son of an English mother and Pakistani father. In this context, otherness is not understood as difference existing as such, but rather as a praxis of social interaction, in which difference is produced and employed in order to maintain an existent hierarchical configuration. Thus, this article aims to analyse the way the child Azhar makes his first experiences with processes of othering in his school and the way he perceives how his parents deal with this difference, here specially his mother. The short story shows how otherness slowly takes form and reveals the main character’s incomprehension of the way social interactions take place.

KEYWORDS: Hanif Kureishi; *Love in a Blue Time*; “We’re not Jews”; otherness.

¹Doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná – Brasil. Doutor em Letras pela Universität Hamburg – Alemanha. Professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Maria – Brasil. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-8415-1460>. E-mail: dioneimathias@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A produção literária que surgiu e vem surgindo no contexto de fluxos migratórios não raramente aborda a questão da alteridade. Na organização do universo diegético, o princípio da alteridade se impõe com elemento caracterizador dos conflitos que geram o enredo. Com alguma frequência, ele se encontra no cerne das narrativas de personagens com identidades marcadas pelo pertencimento a dois ou mais espaços culturais, desfamiliarizando os processos de percepção que servem de crivo de apropriação de realidade em determinadas coordenadas de interação social (MATHIAS, 2018, p. 225). Nisso, formas de organizar o pensamento, a comunicação, as emoções ou os comportamentos divergem, suscitando situações de desaceleração no intercâmbio de sentidos. O enredo, de certo modo, encena esse estranhamento – para utilizar um termo da teoria literária dos Formalistas Russos (BENNETT, 2003, p. 16) – não somente no modo como esses acontecimentos são expostos, mas também no próprio plano dos acontecimentos, onde a diferença nas socializações e nas visões de mundo causa uma ruptura na produção automatizada de sentidos, gerando o princípio da diferença.

A primeira fase da produção literária de Hanif Kureishi está repleta de personagens que constroem suas identidades no marco da negociação entre duas culturas. Assim, os romances *The Buddha of Suburbia* e *The Black Album* apresentam protagonistas que precisam negociar suas narrativas de identidade por conta do pertencimento a dois eixos culturais diferentes (MATHIAS, 2013, p. 97). Essas negociações, muitas vezes conflituosas, acabam colocando a alteridade no centro das atenções. Isso também vale para o conto “We’re not Jews” (traduzido aqui como ‘Não somos judeus’), que faz parte da coletânea *Love in a Blue Time*, publicada em 1997. Nele, contudo, o protagonista é uma criança, cujas experiências de alteridade, a voz narrativa heterodiegética expõe a partir do ponto de vista dessa personagem.

Em grande parte, o conceito de alteridade está atrelado à ideia de cultura. Assim, um primeiro modo de aproximação a esse conceito pode residir nos sentidos que uma determinada cultura gera e mantém em circulação, a fim de nortear ações, comportamentos ou interpretações de realidade, em geral (HANSEN, 2003). O processo de socialização tem um papel fundamental, já que todo indivíduo que deseja participar ativamente de uma sociedade precisa aprender e treinar as narrativas acionais e de sentido que predominam no espaço social em que transita (REHBEIN, 2006). Com o processo de socialização, o sujeito vai aprendendo a elidir as marcas da diferença, ao internalizar as regras que caracterizam o comportamento da maioria. Aqueles atores sociais que têm menos êxito nesse processo, ao não acompanharem todas as regras, acabam se destacando pela marca da diferença.

O conceito de habitus de Pierre Bourdieu ajuda a compreender o surgimento da alteridade. Para o sociólogo francês, todo ator social internaliza no seu processo de socialização um conjunto de disposições, típico de um determinado grupo social, que lhe dita – muitas vezes inconscientemente – as regras que deve seguir na execução de ações (SETTON, 2002). Com a formação de um habitus, surgem também os mecanismos de distinção que vão servir para construir a identidade de grupo. A diferença, nesse contexto, tem uma função central, uma vez que serve para legitimar a identidade narrada e construir hierarquias dentro do espaço de interação. Essa hierarquia está atrelada a determinadas visões de mundo, com o posicionamento dos diferentes atores sociais em espaços e funções bem específicos, a fim de legitimar narrativas de superioridade. Nessa lógica, a distinção funciona como mecanismo de inclusão e exclusão, administrando os grupos conforme regras internas.

A diferença não é o critério em si, uma vez que cada indivíduo, por mais que internalize todos os elementos exigidos pelo processo de socialização e pelas regras do habitus, mantém algo que diverge. A unidade mínima do sentido, sabidamente, não é fixa, sofrendo deslocamentos e atualizações

constantes, de modo que a diferença se transforma em regra. A cada negociação social – ou cada nova realocação de uma unidade mínima de sentido num novo agrupamento morfossintático – surge uma alteração na composição de semas e, conseqüentemente, do sentido que pode ser transmitido. Por isso, não é no cerne semântico onde reside o potencial de conflito da diferença, mas sim no modo como a diferença é utilizada como instrumento no processo de negociação nas interações sociais.

No lugar de uma dinâmica de percepção pautada pelo esforço de reconhecer os elementos comuns, portanto, aquilo que estimula a coesão social, surge uma administração de energias cognitivas e afetivas que canalizam sua atenção em direção à identificação da diferença, a fim de legitimar hierarquias e, com elas, interpretações de mundo que preveem uma distribuição de poder. Num segundo passo, após a identificação de um aspecto suficientemente sólido e utilizável para a elaboração da diferença, segue um movimento de narrativização do componente que se destaca, produzindo uma espécie de enredo que pode ser facilmente reaproveitado, transmitido e instrumentalizado nos diferentes processos de negociação de identidade.

Esse foco na diferença, colocando no centro da atenção elementos específicos dos excertos de realidade percebidos por determinados atores sociais – numa espécie de *foregrounding* no plano da interação social – se utiliza de tudo que é suficientemente concreto para acelerar o processo de comunicação, em oposição direta aos objetivos dos mecanismos de estranhamento do Formalismo Russo (CHKLÓVSKI, 2013, p. 83). Assim, as narrativas engendradas a partir de argumentos racistas, sexistas, xenófobos, machistas ou classistas têm em comum o foco em alguns poucos elementos que parecem legitimar a diferença e que permitem interpretar a realidade a partir de visões dicotômicas. Nesse sentido, a alteridade parece ser o resultado de uma interpretação negociada de realidade, fruto de um desejo de administração das

hierarquias sociais e utilizada como instrumento para a legitimar e impor visões de mundo.

O conto de Hanif Kureishi encena essa dinâmica de alteridade em diversos níveis da interação social. Contudo, ao contrário dos primeiros romances, nos quais os protagonistas se encontravam nos anos de formação e tinham certa capacidade de discernimento para reconhecer a manipulação das estratégias de imposição da diferença, o conto em questão tem como protagonista uma criança – filho de mãe britânica e pai do subcontinente indiano – confrontada pela primeira vez com a experiência de alteridade. Assim, este artigo pretende discutir a forma como a personagem infantil administra a experiência de alteridade na interação com seus colegas no espaço escolar e como percebe a alteridade imposta aos outros membros da família. Ao contrário dos outros protagonistas de Hanif Kureishi, a personagem do conto é confrontada com a sensação de incompreensão, ainda sem a habilidade de contrapor outras interpretações de mundo.

2 EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA

O conto basicamente tem como foco temático a experiência de racismo, mostrando como o filho Azhar a vivencia na escola e como a mãe se torna alvo da mesma violência durante uma viagem no transporte público. Assim, o texto começa com um episódio corriqueiro: mãe e filho, Azhar, pegam um ônibus para voltar para casa. Com o ônibus já em movimento, sobem outras duas personagens Little e Big Billy, pai e filho. Little Billy é colega de aula de Azhar. O primeiro parágrafo expõe ao leitor como Azhar se sente desconfortável com a presença desses atores sociais e torce para que a velocidade do ônibus não lhes permita embarcar. Eles, contudo, ainda conseguem entrar e se sentam em sua proximidade, confrontando Azhar e sua mãe com uma sequência de hostilidades, das quais tentam se esquivar.

Esse encontro aparentemente insignificante dá continuidade a uma série de negociações empreendidas por esses atores sociais no espaço de interação, delineado no universo diegético. Com efeito, o leitor não é confrontado com o fenômeno da alteridade como algo sólido e palpável, mas sim como experiência que vai se condensando com as interações encenadas. Numa analepse, a voz narrativa contextualiza o leitor, a fim de situá-lo sobre as causas do comportamento hostil, no início do conto:

Big Billy fora chamado para a sala abafada da diretora e rispidamente informado – assim ela disse à Mamãe – que ela ‘desaprovava’ isso. Mamãe estava contente. Ela reclamara sobre o bullying do Little Billy a seu filho. O Little Billy sentava atrás de Azhar na sala. Por semanas Little Billy chamara nomes e o batera na cabeça com sua régua. Agora, alguns dos meninos, parceiros do Little Billy, também começaram a provocar Azhar.

Big Billy had been called to the headmistress's stuffy room and been sharply informed – so she told Mother – that she took a ‘dim view’. Mother was glad. She had objected to Little Billy bullying her boy. Azhar had had Little Billy sitting behind him in class. For weeks Little Billy had called him names and clipped him round the head with his ruler. Now some of the other boys, mates of Little Billy, had also started to pick on Azhar (KUREISHI, 1997, p. 42) ².

O palco do conflito é o espaço da escola. Primeiramente Azhar se transforma em alvo da atenção dos seus colegas de aula. Nesse momento, ainda não está claro qual a diferença que recebe destaque e se transforma em elemento legitimador da alteridade. De certa forma, Little Billy assume o papel de autor dessa narrativa da diferença e paulatinamente envolve os outros colegas, os quais reforçam e dão sequência a essa tessitura. Duas estratégias de instauração da alteridade parecem se destacar: as alcunhas e o corpo alheio.

Com efeito, a alcunha parece apresentar uma dinâmica semelhante àquela da gênese de novas palavras, o que, por sua vez, tem um impacto

² Onde não informado de outro modo, as traduções são do autor deste artigo.

substancial na forma como a realidade acaba sendo apropriada. Por meio do material linguístico, cada sujeito nomeia a realidade, organiza seu conjunto de sentidos e o utiliza para concretizar disposições. O que parece ser uma brincadeira inocente dessa faixa etária, na verdade, tem um efeito estruturador para o universo social daquele grupo. Com a reiteração da alcunha se estabelece paulatinamente uma visão de mundo (infantil) que gera ações e modos de administrar a realidade.

Junta-se a isso a transformação do corpo alheio em plataforma semiótica, para reforçar essa prática. As batidinhas com a régua podem sugerir, num primeiro momento, somente o desejo de chamar a atenção. Neste contexto, no entanto, esse tipo de ação parece ter um impacto maior. A forma como os corpos alheios são tratados revela o lugar que cada sujeito prevê para eles no espaço da interação. A atenção concedida aos diversos corpos que se apresentam como potencial de percepção indica os interesses e os sentidos que norteiam a ação de cada sujeito. Da percepção à interação com o corpo, o sujeito precisa transpor uma barreira volitiva, a fim de iniciar uma negociação de sentidos mais intensa e significativa para todos os atores sociais envolvidos. Esse limite transposto, com ou sem autorização do interlocutor, o sujeito da ação pode iniciar uma narrativa voltada para a concatenação de sentidos produzidos unicamente pelo corpo e o modo como ele interage com outros corpos no espaço da vida. Essa produção de sentidos não é simbolizada por meio de palavras, mas sim por meio da superfície do corpo como plataforma semiótica.

No contexto da realidade diegética, a atenção voltada para o corpo de Azhar está marcada pelo desejo da violência, isto é, na visão de mundo da criança Little Billy o corpo de Azhar merece outro tratamento que aquele concedido, por exemplo, a seus parceiros. De certo modo, Little Billy cria – certamente inconscientemente como grande parte dos processos discutidos aqui – uma hierarquia de respeito em relação aos corpos com os quais interage, posicionando o corpo de Azhar num lugar que permite a hostilidade.

Ao criar essa hierarquia, repeti-la com alguma frequência e recebendo o reforço dos colegas, instaura-se uma prática de ação no grupo que normaliza a diferença e a legitima. Com o suporte do grupo, o corpo marcado pela imposição da diferença acaba internalizando essa sequência de sentidos, conformando suas ações com as imposições do grupo. O medo suscitado pela presença de Little Billy no ônibus parece corroborar a suposição de que Azhar já começa a internalizar essa sequência de sentidos, produzindo sensações corporais em consonância com a interpretação de realidade instaurada pela prática de violência do colega de aula.

As ações da mãe indicam a percepção por parte dela da internalização da alteridade pelo filho. Diante desse cenário, ela busca por soluções que possam interromper essa prática de produção de sentidos, a fim de reposicionar o filho num lugar de pertencimento e respeito. A delação, contudo, parece produzir o resultado inverso: o pai de Little Billy se junta a essa prática, estendendo a produção de alteridade ao espaço exterior à escola, por exemplo, ao hostilizar mãe e filho no ônibus. O comportamento da própria diretora parece ser ambíguo, pois a escolha de palavras da voz narrativa ao reportar esses acontecimentos parece sugerir dúvidas em relação ao empenho empreendido pela representante da instituição.

Até esse momento, o leitor ainda não tem ideia sobre o que pode motivar esses comportamentos. O nome Azhar pode ser um primeiro indicativo, já que não soa estritamente inglês, em oposição, por exemplo, a Billy, ao menos para ouvidos condicionados a associar a imagem nacional a uma prática de escolha de nomes, arraigada num grupo étnico específico. Indiretamente o comportamento de Big Billy revela a configuração social que permite essa condensação de alteridade:

Big Billy estava gritando como um orangotango, pulando de cima para baixo e se coçando debaixo dos braços – uma das coisas pelas

quais Little Billy fora castigado. Mas isso não impediu o pai. Ele tinha uma cara horrível.

Big Billy was hooting like an orang-utan, jumping up and down and scratching himself under his arms – one of the things Little Billy had been castigated for. But it didn't restrain his father. His face looked horrible (KUREISHI, 1997, p. 42).

Enfurecido com a delação do filho, o pai já não empreende qualquer esforço para ocultar sua visão de mundo, caracterizada por uma configuração afetiva de hostilidade em relação à presença de estrangeiros pertencentes a grupos étnicos diferentes do majoritário. A imitação do orangotango deseja sugerir a Azhar e sua mãe o pertencimento a uma posição diferente daquela ocupada por Billy, na hierarquia social daquele espaço. Como o filho, o pai transpõe a barreira da atenção e começa a interagir com o corpo alheio, aqui também, com o intuito de estabelecer uma malha de sentido que condense a diferença e legitime uma visão de mundo, na qual alguns atores sociais são alvos de estigmatização.

Na oposição feita pela voz narrativa na sequência da exposição dos acontecimentos, é possível inferir que Little Billy fez o mesmo na escola, sugerindo, por conseguinte, que Azhar não pertence àquele grupo. Ambos, portanto, em seus diferentes espaços de interação, focam num elemento, ampliado de tal modo, a ponto de instaurar uma prática de percepção que acaba condicionando as interações empreendidas não somente pela família de Little Billy, mas vários outros atores sociais que vão se juntando a essa comunidade de interpretadores da realidade.

3 NEGOCIAÇÕES DE ALTERIDADE NA FAMÍLIA

A imposição de alteridade, com a qual Azhar é confrontado na escola, representa uma experiência que também os pais precisam administrar, em

diferentes situações. Embora a mãe seja britânica e branca, sua narrativa de identidade se vê igualmente forçada a negociar práticas de condensação de alteridade. O elemento que destoa das práticas majoritárias reside no fato de ter casado com um estrangeiro, pertencente a outro grupo étnico. Assim, a motivação que levou à prática de exclusão na escola, volta a imperar no contexto mais amplo da interação social:

Little Billy estava tão perplexo com o epíteto quanto Azhar. Como mágica, isso fechou sua boca. Mas no próximo dia, Little Billy voltou com o poder renovado de palavras novas para Azhar: sambo, wog, pretinho (little coon). Azhar voltou para junto de sua mãe para pedir mais palavras, mas elas acabaram.

'Big Billy estava dizendo para todo o ônibus, 'Grosseiro! Por que não diz direto na minha cara, hein? Não vai, né?

'Não', disse Little Billy, 'Não vai!'

'Mas a gente não é tão grosseiro como uma vagabunda que casa com um pretinho (darkie).'

'Pretinho, pretinho', Little Billy repetia. 'Macaco, macaco!'

Little Billy was as perplexed as Azhar by the epithet. Like magic it shut his mouth. But the next day Little Billy came back with the renewed might of names new to Azhar: sambo, wog, little coon. Azhar returned to his mother for more words but they had run out.

Big Billy was saying across the bus, 'Common! Why don't you say it out loud to me face, eh? Won't say it, eh?

'Nah', said Little Billy, 'Won't!'

'But we ain't as common as a slut who marries a darkie'.

'Darkie, darkie', Little Billy repeated. 'Monkey, monkey!'

Mother's look didn't deviate. But, perhaps anxious that her shaking would upset Azhar, she pulled her hand from his and pointed at a shop' (KUREISHI, 1997, p. 43).

A negociação da alteridade passa pelo cerne da família, sendo exercitada, de certo modo, nessa configuração social, antes de aplicar suas visões de mundo num contexto mais amplo. Assim, ao ser confrontado com os constantes ataques racistas na escola, Azhar procura a ajuda da mãe. Esta o auxilia com

recomendações sobre palavras que podem ser utilizadas na estratégia de contenção da narrativa de alteridade. Ao recomendar a palavra “common”, ela parece estar atualizando um discurso classista, portanto, também sugerindo a previsão de um posicionamento na hierarquia social e treinando o olhar do filho para as diferentes configurações existentes na sociedade em que circulam.

Embora o intuito da palavra seja a de defesa, ela também instaura elementos de alteridade, impactando, nesse contexto, no posicionamento da família de Little Billy. Na sequência do diálogo, esse posicionamento acaba sendo reforçado pelas habilidades linguísticas de Big Billy, as quais se caracterizam pelo uso de um registro informal (por exemplo, “to me face”), indicando o pertencimento a um grupo social menos escolarizado.

O impacto que a palavra tem pode ser depreendido do silêncio de Little Billy e da reação furiosa do pai, o qual intensifica a munição do filho para reforçar a narrativa de alteridade dirigida a Azhar. É possível assumir que não somente Azhar nunca tinha ouvido as palavras já instituídas no vocabulário popular para nomear atores sociais oriundos de outros contextos étnicos que o majoritário, também o filho Billy as aprende pela primeira vez e as testa para verificar seu efeito. Com efeito, a prática da imposição da narrativa de alteridade já começa a ser exercitada no cerne da família, onde os pais, como modelos e orientadores na prática de interpretação de realidade, condicionam os filhos a perceber o mundo de determinada forma, alocando os atores sociais a posições na escala social.

Nessa prática de administração de hierarquias, cada família adota vocabulários diferentes, de acordo com o habitus e suas disposições internalizadas, a fim de legitimar o posicionamento alcançado ou ambicionado. Nesse movimento, surgem diversas narrativas de alteridade que vão formando o crivo de percepção da criança. Vale reforçar que palavras são instrumentos que condicionam a percepção e guiam o sujeito naquilo que pode perceber da

realidade e posteriormente inserir em sua narrativa pessoal de identidade. Talvez seja possível afirmar que a instauração de uma palavra para nomear um fenômeno da realidade tenha o mesmo impacto que a transposição da barreira entre percepção e o toque do corpo, discutido anteriormente. Quando o excesso de percepções deixa de ser difuso para se transformar em algo condensado numa palavra, a realidade assume outras configurações, oferecendo ao sujeito caminhos trilhados de ver o mundo. Assim, tanto as palavras “sambo, wog, little coon” como “common” que circulam no vocabulário dessas famílias inserem os filhos em práticas linguísticas que atribuem posições a atores sociais que não pertencem ao grupo do qual a respectiva família faz parte.

Ao lado dessa prática linguística que produz e condensa alteridade paulatinamente no cerne da família, o treinamento de comportamentos e de dinâmicas de interações sociais gera movimentos de inclusão e exclusão. Assim, parece que há a expectativa tácita de que a mãe de Azhar, como mulher branca e inglesa, se case com um parceiro de seu grupo étnico. A opção pelo casamento com um estrangeiro, nesse contexto, rompe uma prática de comportamento e de sequências acionais legadas por gerações anteriores. Com isso, surgem novas formas de organizar e pensar a realidade não previstas até então e que, até certo ponto, questionam a legitimidade das práticas adotadas pelo grupo. Ao adotar comportamentos não previstos nessa comunidade de interpretadores da realidade, o sujeito subverte as hierarquias e enfraquece o poder norteador das narrativas que funcionaram como modelo de ação.

A energia afetiva desencadeada pelo comportamento desviante sugere que ele não impacta somente sobre o sujeito que opta por caminhos alternativos, mas também sobre o grupo do qual ele faz parte. Com efeito, o grupo social, com seu habitus e assim com suas estruturas de pensamento, cria narrativas de pertencimento, de valor e de status. Ao trilhar por outros caminhos, o sujeito implicitamente levanta questionamentos sobre essa visão de mundo e sobre a validade dessas interpretações. Diante disso, o grupo corre

o risco de perder ou fragilizar a estrutura de hierarquias estabelecida naquele espaço de interação, uma vez que a condição básica para a existência de hierarquias é o compartilhamento de valores por um grupo. Talvez isso explique a avalanche afetiva causada pelo comportamento desviante, pois as ações de um ator social podem subverter a malha de poder e status arduamente negociados, forçando o sujeito a rever sua posição.

A estratégia de contenção reside em enfatizar uma diferença, a fim de legitimar a exclusão do infrator e reforçar a manutenção dos valores que norteiam as ações naquele espaço. Nesse caso, o discurso patriarcal sexista é rapidamente acionado para estigmatizar a mãe de Azhar. Desse modo, o matrimônio celebrado com o estrangeiro não tem o mesmo valor moral, na visão dos outros membros do grupo, o que parece legitimar o foco na sexualidade. Ao optar pelo casamento com um estrangeiro, portanto, ela se transforma em “vagabunda”, o que não teria acontecido, assim a lógica de pensamento, se o matrimônio tivesse sido contraído com um membro do grupo.

Certamente é permitido supor que a sexualidade é um elemento existente na realidade de qualquer ator social, independentemente do pertencimento a gênero ou a grupo étnico, mas neste contexto a sexualidade é isolada e transformada em elemento legitimador de alteridade, instaurando uma modalidade de percepção que é tacitamente elidida, quando se trata dos membros do próprio grupo cultural. Com isso, a narrativa de alteridade tecida aqui apresenta duas estratégias de exclusão: o discurso sexista voltado aqui contra formas autônomas de viver a sexualidade, por um lado, e o discurso voltado especificamente contra a mulher, por outro.

O processo de socialização prevê um treinamento nesses aspectos, condicionando o sujeito a administrar o próprio corpo, de modo a concretizar sua sexualidade dentro dos moldes previstos pela sociedade onde circula e a fim de desempenhar um papel social em conformidade com as expectativas. Nos

dois quesitos, a mãe de Azhar rompe com as tradições, trilhando por caminhos próprios. Para punir e controlar esse comportamento, o grupo primeiramente a insere em discursos que deslegitimem sua voz. Num segundo momento, surgem palavras, neste caso “macaco”, para simbolizar a alteridade e acelerar a dinâmica de comunicação. Arelada a essa única palavra, há toda uma narrativa de identidade e de concepção de realidade que prevê uma hierarquia de comportamentos. Ao ser empregada, cada sujeito atualiza, com maior ou menor intensidade, essa narrativa e classifica o sujeito a quem ela foi dirigida.

Azhar, longe de compreender todas as implicações das palavras trocadas no ônibus, percebe como a própria mãe administra essa imposição de alteridade. A voz narrativa informa a partir da perspectiva da criança, mostrando com ela assimila as informações. O que Azhar vê é uma pessoa paralisada diante da violência das palavras, incapaz de reagir com autoconfiança suficiente para impor uma interpretação de realidade diferente. Embora ela não desvie o olhar, indicando um empenho corporal substancial, ela não retruca. Isto é, o corpo com todo seu aparato afetivo não detém a energia físico-afetiva para barrar a imposição da alteridade, o que se reforça ainda mais com os tremores que tenta ocultar do filho.

Ao presenciar a mãe – a figura norteadora de suas ações nesse estágio de vida – nessa situação de extrema fragilização, Azhar acaba incorporando malhas de sentido já sugeridas na experiência vivida no espaço escolar. Talvez ainda antes da palavra, o corpo reflete a alteridade imposta. A palavra em si não é suficiente se o corpo do interlocutor não reage de acordo com a narrativa de alteridade. O corpo adota esses sentidos, criando uma superfície semiótica que acaba corroborando a visão de mundo do outro. A impotência da mãe diante da violência das palavras, de certo modo, disciplina seu corpo, forçando-o a aceitar o lugar previsto para alguém que não se adequa às expectativas majoritárias. Essa internalização do chicote alheio acaba também tendo um impacto no modo como o próprio filho administra seu corpo, uma vez que no processo de

socialização também acaba internalizando a prática da encenação corporal presenciada em casa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como no episódio da escola, Azhar não compreende grande parte daquilo que está acontecendo. A lógica da imposição de alteridade com os diversos discursos atrelados a essa prática foge de sua capacidade de compreensão. O conto se limita, de certo modo, a apresentar o impacto afetivo e corporal que essas diversas experiências têm sobre o menino. Essa incompreensão volta a surgir quando Azhar ouve a mãe dizer que não são judeus, como forma de defesa contra as palavras racistas, ditas no ônibus. Embora ele tenha ouvido algo sobre discriminação e perseguição de cunho étnico, Azhar não consegue realmente transferir esses conhecimentos para sua realidade. Diante das experiências de exclusão, acompanhadas de palavras que simbolizam algo que não conhecia até então e reforçadas pela insegurança da figura materna, o protagonista permanece desorientado perante uma diferença desconhecida.

O conto também mostra os potenciais limitados de agência num espaço dominado pela visão de mundo majoritária. O que surge é um horizonte de pensamento onde uma criança, ainda antes de desenvolver a capacidade de reflexão e argumentação, é forçada a internalizar as imposições de alteridade, com as quais é confrontada no cotidiano das interações sociais. Nisso o suporte dos pais é limitado, pois vivencia a insegurança da mãe e a alteridade cultural do pai, sem que estes consigam instaurar práticas expressivas de afirmação de seus posicionamentos no horizonte de sentido da sociedade em que transitam. Nesse condicionamento, a criança Azhar começa a aprender a enxergar a diferença imposta por meio da visão de mundo dos outros. Nesse estágio, ainda

não aprendeu a refletir sobre a dinâmica de exclusão que impera na lógica da interação social.

REFERÊNCIAS

BENNETT, Tony. *Formalism and Marxism*. London e New York: Routledge, 2003.

CHKLÓVSKI, Victor. A arte como procedimento. In: TODOROV, Tzvetan (ed.). *Teoria da literatura. Textos dos formalistas russos*. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 83-108.

HANSEN, Klaus P. *Kultur und Kulturwissenschaften*. Tübingen e Basel: A. Francke Verlag, 2003.

KUREISHI, Hanif. *Love in a Blue Time*. London: Faber & Faber, 1997.

MATHIAS, Dionei. 'Todo poder à imaginação' – concepção e concretização de alteridade. *Scripta Uniandrade*, Curitiba, v. 11, n. 2, 2013, p. 97-112.

MATHIAS, Dionei. Literatura e fluxos migratórios em contextos anglófonos: sobre a gênese discursiva de um campo de pesquisa. *Scripta Uniandrade*, v. 16, n. 2, 2018, p. 225-238.

REHBEIN, Boike. *Die Soziologie Pierre Bourdieus*. Kontanz: UVK Verlagsgesellschaft mbH, 2006.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, 2002, p. 60-70.

Recebido em 13/04/2020.

Aceito em 25/06/2020.